

A OPOSIÇÃO DA REVISTA *O CRUZEIRO* AO PROJETO NACIONALISTA DE GETÚLIO VARGAS NAS ELEIÇÕES DE 1950: A DERROTA DOS VENCEDORES

Dra. Lilian Marta Grisolio*

Este artigo analisa os discursos da revista *O Cruzeiro* relativos à candidatura de Getúlio Vargas para a Presidência da República nas eleições presidenciais de 1950. A partir de 1946, a imprensa começou um ataque sistemático a Vargas, que se acirrou em 1949, ano da oficialização de sua candidatura. Através de jornalistas como David Nasser e Franklin de Oliveira, *O Cruzeiro* foi responsável por alguns dos ataques mais agressivos e vorazes da época. Descrevendo-o como fascista, comunista ou simplesmente ditador, o objetivo da revista era se opor ao projeto nacionalista de Vargas que confrontava-se diretamente ao projeto por eles preconizados. O projeto nacionalista é identificado como atrasado, ora representando laços com o comunismo estatizante, ora sendo identificado com os projetos fascistas europeus.

A revista *O Cruzeiro* foi uma das mais importantes publicações do século XX. Foi fundada no ano de 1928, após a compra do projeto do português Carlos Malheiros, pelo já importante empresário das comunicações Assis Chateaubriand. O lançamento foi acompanhado de uma estratégia de marketing sem precedentes na história do Brasil. Na semana que antecedeu o seu lançamento, foram atirados dos prédios mais altos de Rio de Janeiro cerca de quatro milhões de folhetos publicitários que anunciavam o surgimento da revista ilustrada. Foi publicada semanalmente por quase 50 anos e virou referência nas décadas de 50 e 60 para novas publicações que surgiam, como as revistas *Manchete* e *Veja*. Uma das principais inovações da publicação no Brasil foi o pioneirismo da revista no uso da fotorreportagem trazida principalmente por fotógrafos europeus.

* Professora Adjunta do Departamento de História e Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – UFG/Regional Catalão. E-mail: limarta@uol.com.br

O *Cruzeiro* é herdeira de uma tradição iniciada na Europa com o desenvolvimento das câmeras fotográficas e uma mudança na concepção sobre a fotografia que passa a ser uma forma de narrar uma história, e não mais mero registro. Importantes publicações como a *VU*, *Time* e a *Match* serviram de modelo para a revista brasileira. (Costa, 1991)

Porém, *O Cruzeiro* percorreu uma longa e instável trajetória até se tornar, na década de 40, uma referência para o jornalismo brasileiro. No princípio, era uma revista de variedades direcionada a um público essencialmente feminino, dedicando suas páginas a contos românticos, dúvidas de saúde e beleza e novidades do mundo artístico. Seções como *Lar Doce Lar*, *De mulher para mulher*, *Página das mães*, *Elegância e Beleza*, *Figurinos ou Dona* são alguns exemplos do considerável espaço destinado a mulher. De cunho extremamente conservador, a revista divulgava o tipo ideal de mulher: submissa e que se vinculava ao universo do frívolo e supérfluo; uma mulher que cumpria as normas sociais e tinha seu papel demarcado socialmente: o lar e a condução da família. Embora a revista nunca tenha abandonado o universo feminino, a constatação de seu sucesso editorial (não apenas entre as mulheres) determinou um processo de reformulação jornalística. Chateaubriand não demorou a perceber sua importância dentro dos *Diários Associados*¹⁴.

A partir da década de 40, portanto, o foco mudou e suas reportagens passaram a ter como eixo questões políticas de interesse nacional e internacional. Constatamos que esta mudança revela uma relação direta com os acontecimentos nacionais e internacionais, e traz à baila fatores que justificam o novo comportamento da revista.

É preciso ressaltar que em 1945 ocorre a queda do presidente Getúlio Vargas e o término da Segunda Guerra Mundial. Com o fim da ditadura varguista, do controle e censura do DIP, e principalmente, com a vitória do discurso da democracia dos EUA sobre as ditaduras nazi-fascistas, a revista começou uma ampla divulgação de seu projeto de modernização e implantação de uma sociedade em conformidade com o capitalismo estadunidense. O

¹⁴ Em 1930, Chatô usou o termo *Diários Associados* pela primeira vez para designar o que antes era chamado de consórcio: sete jornais e a revista *O Cruzeiro*. A marca *Diários Associados* logo seria oficializada e constituiria a maior corporação de comunicação da história da imprensa no Brasil.

Cruzeiro contribuiu, com um tipo de jornalismo que difunde informações, formatando ideias, criando um consenso (através de textos e imagens) modelando assim opiniões, comportamentos e valores. Quando identifica o estilo de vida estadunidense e estabelece a negação do comunismo, colabora com a ordem instituída.

O *Cruzeiro* promoveu a continuidade do ideário anticomunista que se alinha aos interesses de setores da burguesia e de quem defendia a necessidade de integração nacional e desenvolvimento econômico aliado ao capital internacional. O clima político internacional e os interesses de alguns grupos nacionais, aos quais a revista se filiava, favoreceu a promoção do estilo de vida estadunidense, bem como a defesa de desenvolvimento e modernização pautado pelos Estados Unidos, modelo de sociedade moderna e capitalista. (Mendes, 2011)

É com essa conjuntura que as eleições de 1950 marcaram definitivamente o posicionamento ao projeto nacionalista do então candidato Getúlio Vargas à presidência da República. A cada publicação a revista acirrou seu discurso com reportagens, colunas e editoriais contra a pretensão de Vargas. Promoveu por meses ataques violentos e sistemáticos demonstrando o caráter ideológico que buscava influenciar a sociedade e a política nacional.

O *Cruzeiro* teve êxito em quase todas as batalhas em que entrou, fosse o apoio à cassação dos comunistas ou a aproximação do Brasil com Washington (EUA). Porém, perdeu uma batalha em especial: a eleição de Getúlio Vargas à Presidência da República em 1950.

A Derrota dos Vencedores: a vitória de Getúlio Vargas nas eleições de 1950

A famosa marchinha de carnaval de Francisco Alves, o jingle “Retrato do Velho”, marcou a campanha de Getúlio Vargas, vitoriosa em 1950,

Bota o retrato do velho outra vez
Bota no mesmo lugar
Bota o retrato do velho outra vez

Bota no mesmo lugar

O retrato do velhinho faz a gente trabalhar

É neste contexto que *O Cruzeiro* travou a maior batalha política de toda a sua existência. É válido destacar que na análise realizada das reportagens, nenhum título anterior a 1950 citava o nome de Getúlio Vargas. E até aí, nunca se tinha estabelecido ligação com os comunistas. Contudo, a partir de 5 de novembro de 1949, essa condição se altera. Nesta ocasião, foi publicada a primeira reportagem sobre as eleições presidenciais que se aproximavam, e também foi o início da engajada campanha contra a candidatura de Vargas.

Podemos afirmar, em verdade, que a campanha anti-varguista nunca cessou, mas em 1949, com a proximidade da disputa eleitoral, a campanha tomou contornos de uma verdadeira guerra mundial.

A primeira reportagem foi escrita por Franklin de Oliveira e falava sobre a crise sucessória, *Os caminhos do presidente*. Este jornalista foi responsável por algumas das matérias mais ferozes contra Getúlio. Em novembro de 1949 escreveu *O Bola*. Em janeiro de 1950, *O purgatório do Estado Novista*, e no mês seguinte *A quarta Alemanha e Da culpa e dos anjos*. Publicou ainda, *Ao Presidente que virá e Uma democracia ameaçada*.

Foi em 17 de dezembro de 1949 que a revista publicou pela primeira vez a campanha *Quem será o homem?* Sob o argumento de que: "O povo em um regime democrático, deve orientar os partidos e os políticos sobre sua preferência. A sucessão presidencial é a luta mais séria e de maiores consequências em um país democrático". (*O Cruzeiro*, 1949, p. 22)

Inaugurava-se, assim, o chamado INQUÉRITO, ou seja, uma pesquisa eleitoral para saber a opinião pública sobre quem deveria governar o Brasil. Na edição apontava-se que *O Cruzeiro* poderia alcançar todos os seus "1.500.000 de leitores de todos os recantos deste país". Para isso o leitor deveria recortar o cupom, preenchê-lo e enviá-lo à revista via correio.

O leitor deveria completar a frase "O meu candidato à Presidência da República é o Sr..." E depois apontar 3 razões para o voto. Ao lado do cupom aparece o regulamento da votação avisando que ela se encerraria em 4 meses. Conforme análise da publicação durante todo o período citado, os quatro

meses da citada pesquisa de opinião foram bem ruidosos, abarrotados de denúncias, avisos de perigo à população, acusações e utilização de todo tipo de argumento para atacar a figura de Getúlio Vargas. Semana a semana, o chamado INQUÉRITO passa gradualmente de tribuna política, onde os cidadãos poderiam ser ouvidos, para um combate exasperado e contínuo contra a candidatura. Em 8 de abril de 1950, o INQUÉRITO calculava a queda de Vargas:

Em 4º lugar coloca-se o Sr. Getúlio Vargas. O ex-ditador, cujo prestígio se diz ser o maior que neste país já conseguiu um homem público, não está tendo forças para sustentar as posições iniciais conquistadas no inquérito 'Quem será o homem?' Aos poucos a sua votação foi perdendo intensidade, até que se estabilizou e caiu. (O Cruzeiro, 1950, p. 24)

Todos os textos sobre o INQUÉRITO trazia uma afirmação pejorativa sobre o ex-presidente, afirmando, por exemplo, que ele só ganharia dentro de uma prisão entre prisioneiros. Porém, o objetivo maior era mostrar que ele não teria chance na eleição. Na verdade, desde a eleição de Vargas para o Senado em 1946, David Nasser promoveu um ininterrupto ataque ao ex-presidente, como no emblemático texto "Confissão de um êrro" de setembro de 1947:

queimou durante quinze anos a decência, a honestidade e a moral neste país, levando o povo a um grau tão baixo de servidão, complacência e apatia, que mais parecia uma legião de abúlicos, sem vontade e sem pudor, indiferentes ao próprio destino da terra em que viviam. [...] o maior inimigo das eleições democráticas, o homem que jamais foi eleito pelo povo diretamente, em todo tempo de sua vida política, com exceção das últimas eleições, quando já expulso do poder, conseguiu atarrachar a máscara de mártir e mobilizar um número apreciável de votantes (Nasser, 1947, p. 34)

Em junho de 1950, com a certeza da candidatura de Vargas às eleições presidenciais, os ataques se intensificam. David Nasser apontado como um dos mais influentes jornalistas do século XX no Brasil, quase sempre é lembrado como brilhante e exímio escritor, da mesma forma que é visto como alguém desprovido de caráter. Nasser foi expoente do tipo de jornalismo realizado pela revista *O Cruzeiro*, sendo ao mesmo tempo, produto e produtor daquela forma de fazer notícia. Considerado inescrupuloso, pela sua capacidade brutal de defender o que deseja a qualquer custo. (CARVALHO, 2001)

Nasser registrou seus ataques e indignação com a candidatura do ex-ditador e sua pretensão de voltar à cena política no texto publicado em junho de 1950, *Getúlio Vargas – Flagelo de uma nação* (Nasser, 1950, p. 14) e no mesmo mês Franklin de Oliveira escreveu o artigo *Imunização Urgente* com forte conteúdo de oposição a Vargas, comparando-o a um vírus:

Temos finalmente como quase certa a candidatura do Sr. Getúlio Vargas – e se ela é certa, mais angustioso, agora, tornou-se o dever de todos os brasileiros de combatê-la com energia e determinação [...] Há que combatê-lo, é necessário que se imunize o país contra o vírus que o levará a morte. (Oliveira, 1950, p.7)

Getúlio Vargas, por sua vez, na avaliação da historiadora Ângela de Castro Gomes, “encontrava aqui o terreno ideal para sua atuação política: a ressonância de sua campanha eminentemente nacionalista, antiplutocrática, baseada num apelo direto às massas trabalhadoras.” (1983, p. 247)

A maioria esmagadora dos meios de comunicação apoiava os outros dois candidatos: o Brigadeiro Eduardo Gomes, que foi candidato em 1945 pela UDN e, Cristiano Machado, do PSD.

O Brigadeiro, nas duas ocasiões em que foi candidato à Presidente do Brasil, em 1945 e 1950, enfrentou a forte oposição de Vargas e perdeu as duas eleições. Entretanto, tinha apoio incondicional da revista.

O *Cruzeiro*, em 1945, em apoio a UDN noticiava sua campanha na reportagem “*A Jornada do Pacaembu*”, que em tom inflamado narrava:

[...] ao chegar ao estádio do Pacaembu, o brigadeiro Eduardo Gomes recebeu consagrada ovação popular. Milhares de pessoas tributaram-lhe em vivas e aplausos entusiásticos provas de admiração e apoio (...) ao chegar à tribuna as ovações redobram-se de intensidade (Motta, 1945, p. 18)

Em 1950, não seria diferente. Além de inúmeras propagandas aparecendo como “*O candidato da UDN*”, e ainda com pedidos de contribuição para sua campanha, contava também com reportagens favoráveis, como a de David Nasser e Jean Manzon, *O Brigadeiro entra na festa* (Nasser; Manzon, 1950, p.104), em alusão ao suposto crescimento de sua candidatura e possível vitória sobre Vargas. Manzon, com uma trajetória misteriosa e muito interessante, viveu uma grande guinada: de fotógrafo oficial do DIP durante a

ditadura varguista às combativas reportagens contra a candidatura do ex-ditador.

Jean Manzon foi um fotógrafo francês que iniciou sua carreira em 1931 como repórter no *L'Intransigeant*, em 1935 passou a trabalhar na revista *VU*, a primeira revista ilustrada da França. Especializou-se em reportagens políticas, cobriu a Guerra Civil Espanhola e trabalhou no Jornal *Paris-Soir*. Em 1937, foi contratado pela maior revista em circulação na época, a *Match*, que chegou a tiragem de dois milhões de revistas. Em 1939, entrou para marinha francesa e com suas câmeras retratou a II Guerra Mundial, entretanto o expansionismo alemão e a ocupação da França em 1940 pelos nazistas mudaram o rumo de sua história. (Nars, 1996)

Em agosto de 1940, Manzon chega ao Brasil e logo começa a trabalhar no DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). O fotógrafo foi contratado por um salário acima da média e foi responsável pela divulgação de fotos de Vargas no exterior através de seus contatos com as agências internacionais, até chegar em *O Cruzeiro*, onde foi responsável por grandes inovações e modernização.

Não tardou para formar a dupla que seria sensação do jornalismo brasileiro: David Nasser e Jean Manzon. Juntos produziram matérias que entraram para história. Manzon conseguia fotos que desejava e efeitos que parecia ilusionismo¹⁵, Nasser fazia o mesmo com as palavras. A pesquisadora Leticia Nunes de Moraes que desenvolveu sua tese intitulada “Cotidiano e Política em Carmem da Silva e David Nasser”, afirma que “*Tanto Manzon como Nasser eram sensíveis, superlativos e sem compromisso com a verdade*” (Moraes, 2007, p.37).

¹⁵ É preciso salientar que a revista fez uso abundante de um conhecido recurso jornalístico conhecido pelo jargão *fait divers*, ou em inglês, *features*. São matérias desconectadas do jornalismo, que tendem a retratar o pitoresco e o inusitado. A famosa reportagem *Enfrentando os Chavantes*, reproduzida em vários países, ocupava mais de 20 páginas da revista com dezenas de fotos. A matéria dizia ser fruto de 43 dias na selva amazônica e fez enorme sucesso ao apresentar o perigo de enfrentar a fúria dos índios que teriam alvejado o avião com flechas. Sabe-se que as fotos, na verdade, são da época em que Manzon viajava a serviço do DIP e que Nasser nunca fez tal viagem perigosa.

Essa prática, porém, não era de exclusividade da dupla Nasser/Manzon. Uma das mais polêmicas reportagens da revista foi a de João Martins e Ed Keffel, retratando com uma sequência de fotos um disco voador na Barra da Tijuca.

Num novo contexto, Manzon passa a fazer reportagens contrárias a campanha de Vargas, para quem trabalhou no DIP e enaltecer a candidatura do seu opositor. Fotos espetaculares do Brigadeiro Eduardo Gomes, estampando esperança e otimismo eram constantes.

A despeito desse otimismo da revista, a campanha da UDN demonstrava total falta de entendimento da nova situação da classe trabalhadora brasileira e do cenário político pós-guerra. O repúdio público à lei do salário mínimo e à concordância do apoio do Partido de Representação Popular, novo grupo aglutinador dos integralistas, são provas disso. Citando novamente Ângela de Castro e Gomes, com a qual estamos de acordo:

A UDN parara no tempo e não conseguira identificar-se com as transformações que haviam deslocado o fulcro real dos debates políticos, da mera questão jurídico-institucional para as questões mais pertinentes ao âmbito sócio-econômico, mantendo-se apegada ao liberalismo antipopular, que se constituiria em sua marca registrada e faria dela um partido antes de tudo golpista e conspiratório. (1983, p. 247)

Essa falta de habilidade política explica a tentativa da propaganda eleitoral publicada em duas páginas inteiras na revista. Numa página, observamos o desenho em branco e preto do candidato com a frase “Dê seu voto para o Brigadeiro Eduardo Gomes”. Na outra página, a mensagem: “Contribua com o seu dinheiro para a campanha do Brigadeiro”. Porém, o que chama mais atenção é o slogan escrito em meia página “ÊLE VEM DO POVO”, seguido do texto que procura destacar, com veemência a ligação dele com o povo:

Você, que deseja ver o seu país governado por homens de bem e ao mesmo tempo capazes e realizadores, dê o seu voto ao Brigadeiro Eduardo Gomes para Presidente da República. Êle mercê seu voto. Êle é o homem que melhor poderá representar o povo no governo do povo, porque êle encarna o que o povo tem de melhor. Êle provém de um ambiente modesto, de trabalho e de dignidade. Seu único compromisso é o bem do Brasil. Sua vida até aqui tem revelado indiscutível habilidade para dirigir, firmeza inabalável, segurança nas decisões, dedicação aos humildes. E êle conhece perfeitamente a sua terra, pelo contato contínuo com os mais longuíquos recantos do nosso território, através do Correio Aéreo Nacional, que êle organizou. E você sabe que êle é um democrata sincero, pois que por seus ideais já arriscou a vida mais de uma vez, sendo gravemente ferido. Se você quer dias melhores para si, para os seus e apara a sua terra. Faça de Eduardo Gomes o Presidente da República. (O Cruzeiro, 1950, p 58, 59, *grifo nosso*)

Enquanto isso, a campanha de Vargas se estruturava, ganhava o apoio do PSP (Partido Social Progressista), de Adhemar de Barros, não tinha restrição dos militares e saía candidato por dois importantes partidos, o PTB e o PSP. Esse cenário evidenciava a necessidade do ataque constante a que foi submetida sua campanha. “Ontem, acomodado às formas nazistas, hoje querendo tomar o jeito de um presidente democrático”, advertia Franklin de Oliveira em seu texto *A profissão de fé do usurpado*, em julho de 1950. (Oliveira, 1950, p. 7) Na mesma edição, Nasser continua seu costumeiro ataque verborrágico em seu artigo “*Getúlio falou de longe*”.

Em 8 de julho, Franklin de Oliveira fala em “Golpismo eleitoral” (Oliveira, 1950, p. 7) referindo-se a ilegalidade da candidatura de um ex-ditador nas eleições presidenciais, ao mesmo tempo em que a revista, sem citar autoria da matéria, apoia a iniciativa de impedir a candidatura de Vargas à Presidência:

A tese lançada por juristas [...] que o Supremo Tribunal Eleitoral negue registro à candidatura Vargas [...] para se evitar que alcance o Catete um homem que não está talhado, nem moral, nem politicamente para exercer a suprema magistratura. (O Cruzeiro, 1950, p.27)

O que parece mais significativo naquele momento é o alinhamento da revista com a postura estadunidense anti-varguista. Desde julho de 1947, ano da visita do Presidente Truman ao Brasil, a revista publicava a seção *Carroussel do Mundo* do jornalista anticomunista e estadunidense Drew Pearson. A coluna semanal, trazia as notícias dos bastidores da política estadunidense e as questões relativas a política externa dos EUA, escrita por um dos mais influentes jornalistas da época.

Em nota sobre a posição dos Estados Unidos sobre a candidatura de Vargas, Drew Pearson afirma:

A declaração feita pelo ex-presidente do Brasil Getúlio Vargas de que ‘muito a seu pesar’ se vê obrigado a atender ao apelo dos seus partidários para que se apresente como candidato nas eleições presidenciais de outubro próximo, mostra que se devem abandonar todas as esperanças de uma campanha tranquila. A decisão de Vargas tem também importância internacional, por que o partido comunista brasileiro, que foi declarado ilegal e conta com o maior número de stalinistas do hemisfério ocidental, apóia Vargas. Entretanto, dentro do próprio Brasil, o problema comunista não será tão explosivo quanto a encarnada luta que o nome de Vargas provoca. Para os

brasileiros não há meio-térmo em relação ao homem que os governou durante quinze anos com um regime virtualmente totalitário. Ou é um salvador nacional ou é o pior governante que o Brasil possa ter.

Com a enérgica ajuda de Luis Carlos Prestes, competente e hábil dirigente do poderoso movimento comunista clandestino, é provável que Vargas seja eleito presidente se as eleições forem legais, porque só um dos seus dois principais rivais poderá realmente fazer-lhe frente.

Enquanto isso, a significação da aliança de Vargas com os comunistas merece ser cuidadosamente examinada nestes momentos críticos para a história do mundo. O fato é que durante os últimos cinco anos Vargas tem mostrado intenso ódio aos Estados Unidos em virtude do que considera uma traição de Washington.

Vargas acredita que Adolph Berli Junior, que era embaixador norte-americano no Rio de Janeiro, tomou parte ativa no movimento que o derrubou do poder. E considera isso particularmente imperdoável porque ocorreu precisamente depois que êle, Vargas, se mostrou disposto a romper com o Eixo para ficar ao lado dos Estados Unidos, depois do ataque japonês a Pearl Harbor.

O desejo de Vargas de vingar-se é tão intenso que o levou a esperar pacientemente a sua oportunidade, com a esperança de voltar à Presidência legitimamente e assim humilhar Washington. O ângulo sombrio de tudo isso é que Vargas resolveu permitir que o Partido Comunista, que se acha proscrito, readquiria direitos legais, com outro nome. Além disso, está disposto a dar aos comunistas duas pastas do Ministério (Pearson, 1950, p. 78).

Podemos depreender que nesta compreensão do cenário político brasileiro, o problema que se apresentava era a possibilidade da vitória de Getúlio Vargas. A análise estava calcada em duas primícias básicas. A primeira frisava que o nacionalismo Varguista, aliado ao seu antiamericanismo, se configurava como um perigo iminente ao Brasil e, conseqüentemente, às boas relações com os Estados Unidos. A segunda acentuava o caráter comunista da candidatura de Vargas, que não apenas se aproximou do Partido Comunista, como lhe reservaria um papel significativo em seu governo. Tudo isso num movimento consciente e estrategicamente articulado pelo ex-ditador, movido pelo sentimento de ódio e vingança, cultivado após o golpe de 1945, embasado, principalmente, na participação dos Estados Unidos no fato.

Cabe pontuar que, para além das evidentes paranoias com as quais os estadunidenses se acostumaram a conviver em razão da Guerra Fria e da ameaça de guerra nuclear. A ideia de uma aproximação irrestrita com os comunistas era uma interpretação irreal. Conforme Gomes (1983, p. 246),

Quanto aos comunistas, embora algumas lideranças do partido insistam até hoje que o PC deu seu apoio a Vargas, sabe-se que apenas as suas bases

realmente sufragaram o nome do ex-ditador, enquanto a cúpula ordenava-lhes o voto em branco para Presidente.

De qualquer modo, a campanha infrutífera do Brigadeiro e inócua de Cristiano Machado não deram resultados e, Getúlio Vargas tem vitória esmagadora em 3 de outubro de 1950. Voltava assim ao poder, democraticamente e sem o uso de subterfúgios conhecidos na política brasileira, como a ameaça de um golpe comunista (FONSECA, 1989). O *Cruzeiro* perdeu a batalha. Foi a única derrota dos vencedores. Getúlio Vargas foi eleito presidente do Brasil.

É preciso destacar que outras revistas partilhavam a indignação e a perplexidade de *O Cruzeiro* sobre a vitória de Vargas. A Revista *Anhembi*, editada de dezembro de 1950 a novembro de 1962, pelo jornalista Paulo Duarte, já trazia em seu primeiro número um texto raivoso. Duarte, que definia Vargas como "messias-charlatão", bradava indignado por que "meio milhão de 'espíritos recalçados e justamente ressentidos' havia descido os morros para votar na única esperança que lhes restava". (CATANI, 2009) Essa esperança era Getúlio Vargas, que o jornalista acusava de usar sentimentalismo para enganar os pobres.¹⁶

Após a eleição, *O Cruzeiro* se pronunciou apenas duas semanas depois, em 14 de outubro de 1950, com a matéria *3 de outubro no Rio de Janeiro*. O texto apresentava a vitória de Vargas como inesperada e usava um tom sarcástico:

Muita gente fica espantada com a vitória de Vargas. Mesmo os políticos profissionais se enganaram desta vez – a primeira no Brasil em que o governo é derrotado nas urnas. No ostracismo voluntário do pampa o senador gaúcho preparou cuidadosamente seu retorno ao poder, conforme prometiam aqueles cartazes coloridos em que 'Ele' aparecia sorridente, a pele tostada pelo minuano. Vargas sempre contou com duas grandes forças – um partido poderoso e a simpatia de milhões de brasileiros. O resto foi mera questão de tempo. De tempo e de inteligência. (Leal, 1950, p. 15)

Apesar dessa derrota, *O Cruzeiro* não perdeu a guerra. Não ganhou em 1945, com o golpe militar que depôs Getúlio Vargas do poder. Nem tampouco

¹⁶ A Revista *Anhembi* surgiu como uma revista para a elite de São Paulo do pós-guerra tendo como pretensão indicar ao Brasil o seu futuro e buscava recolocar o domínio político da cidade, perdido com a Revolução de 1930. Cf. JACKSON, 2004.

em 1954 quando ele decidiu sair de cena para entrar para a história. Na verdade, a vitória da revista veio em 1964 quando o projeto de subordinação ao capital internacional foi implementado pelo golpe civil-militar. Foi aí que o projeto tão defendido e propagandeado por *O Cruzeiro*, de fato venceu.

Por último, vale ressaltar que este estudo revelou que as pesquisas acadêmicas sobre a revista *O Cruzeiro*, além de escassas e limitadas¹⁷, estão ancoradas em uma visão equivocada sobre o posicionamento da revista em relação à Vargas. Do conjunto de obras que encontramos ao longo da pesquisa, verificou-se que, no geral, os estudos identificam *O Cruzeiro* como uma publicação pró-varguista. Essa interpretação errônea é sustentada em parte pela falta de aprofundamento no que concerne ao posicionamento político da revista.

Estes estudos apresentam *O Cruzeiro* como um instrumento de propaganda varguista durante toda sua existência, baseados no relato sobre o financiamento que Assis Chateaubriand conseguiu para comprar a revista por intermédio de então Ministro Getúlio Vargas¹⁸. Não mencionam em nenhum momento a progressiva alteração da posição política e os ataques sistemáticos durante o pós-guerra aqui demonstrados..

De fato, observamos a importante aliança entre Chateaubriand e Vargas num determinado período da história deste país. Entretanto, no que diz respeito às questões políticas, com toda sua complexidade, entendemos a necessidade de identificar as correlações de força que se estabeleceram, *pari passu*, no desvelamento da História. Nesse sentido, buscamos neste artigo realizar uma leitura crítica que visa contribuir, sobretudo, com o registro de uma história, ainda em construção.

¹⁷ Referimo-nos à limitação temática encontrada nos estudos sobre a revista, apesar da importância que se revelam nas inúmeras possibilidades de pesquisas, estas limitam-se ainda a temas como o pioneirismo da fotorreportagem e a questão de gênero, com alguma variação no recorte.

¹⁸ Este relato é feito de maneira romanceada pelo autor Fernando Morais, em sua obra: *Chatô – O Rei do Brasil*. Morais constrói um diálogo que teria ocorrido entre Assis, Vargas e o banqueiro Antônio Mostardeiro no momento do pedido intermediado por Vargas. Este teria pedido o dobro do valor pedido por Assis que, por sua vez, teria indagado o porquê do pedido dobrado. A resposta teria sido: “É surpreendente que alguém como tu seja tão mau comerciante. Quando quiseres tomar dinheiro de um banqueiro, tens que pedir o dobro do que necessitas. Os banqueiros sempre emprestam a metade do que lhes pedem. Se tu abres a boca naquele momento, receberias apenas 125 contos. Vai comprar a nossa revista.” (Morais, 1994, p 179) O diálogo ora citado é muito bem construído, mas pouco verossímil e digno de romances históricos.

Fontes

LEAL, José. 3 de outubro no Rio de Janeiro. *O Cruzeiro*, 14 out. 1950.

MOTTA, N. A jornada do Pacaembu (UDN). *O Cruzeiro*, 30 jun. 1945.

NASSER, David. Getúlio Vargas: Flagelo de uma nação. *O Cruzeiro*, 17 jun. 1949.

NASSER, David; MANZON, Jean. Num país chamado Brasil III – O Brigadeiro entra na festa. *O Cruzeiro*, 27 mai. 1950.

O CRUZEIRO, Quem será o homem? 17 dez. 1949.

O CRUZEIRO. Lembrai-vos de 37, 08 jul.1950.

O CRUZEIRO. Propaganda de Eduardo Gomes. 08 jul. 1950.

OLIVEIRA, Franklin de. Imunização Urgente, *O Cruzeiro*, 10 jun. 1950.

OLIVEIRA, Franklin de. Golpismo eleitoral, *O Cruzeiro*, 8 jul. 1950.

PEARSON, Drew. Vargas pretende reviver o Comunismo. *O Cruzeiro*, 03 jun. 1950.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marialva. *O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira*. In: Ciberlegenda, nº 7, 2000. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/maria16htm>. Acesso em: 14 out 2012.

BENEVIDES, Maria Victoria. *A UDN e o UDENISMO - Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*, SP: Paz e Terra, 1981.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas*, São Paulo: Senac, 2001

CATANI, A. M. *A Revista de Cultura Anhembi (1950-62): um projeto elitista para elevar o nível cultural do Brasil*. Maringá, EDUEM, 2009.

CHATEAUBRIAND, Assis. *Aquarela do Brasil*, RJ, DASP, 1959.

COSTA, Helouise. *Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade da revista O Cruzeiro*, 2002, Dissertação (Mestrado em Comunicação), ECA-USP, São Paulo.

_____. *Pictorialismo e imprensa: o caso da revista O Cruzeiro (1928- 1932)*. IN: FABRIS, Anna Teresa (org). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. (coleção Texto e Arte), Edusp, 1991.

FERREIRA, Jorge Luiz. *Fazer o quê no jornalismo, depois de "O Cruzeiro"?* Revista de Comunicação. Rio de Janeiro, n.51, p.18-20, 1998.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Vargas: O Capitalismo Em Construção - 1906-1954*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. *O Brasil Republicano. História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo III, 3º vol. Sociedade e Política. Difel, São Paulo, 1983.

JACKSON, Luiz Carlos. *A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965)*. In: Tempo Social, v. 16, n. 1. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0103-20702004000100013> Acesso em 16 out 2012.

MELLO, João Manuel Cardoso de, NOVAIS, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. In: NOVAIS, Fernando (coordenador-geral), SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MENDES, Lilian Marta Grisolio. *American Dream e o Pesadelo Vermelho: Americanização e Anticomunismo nas páginas de O Cruzeiro (1947-1950)*, 2011, Tese (Doutorado em História), São Paulo: PUC-SP.

MORAES, Letícia Nunes de. *Cotidiano & Política – Em Carmem da Silva e David Nasser (1963-1973)*, 2007 – Tese (Doutorado em Letras), São Paulo: USP.

MORAES, Mário de. *Inesquecível "Cruzeiro". Erros e acertos de um delicioso livro de memórias*. Revista Imprensa. São Paulo, n.133, p.104-107, 1998.

MORAIS, Fernando. *Chato: o rei do Brasil – a vida de Assis Chateaubriand*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NARS, Edson Luiz. *Um olhar sobre o Brasil pelas lentes de Jean Manzon: de JK a Costa e Silva*, 1996, Dissertação (Mestrado em Sociologia), Araraquara: UNESP.

NASSER, David. *Eu fui guarda-costas de Getúlio*. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1947.

_____. *Falta alguém em Nuremberg*. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1948.

NUNES, Augusto. *Já não se faz imprensa assim. Ainda bem*. [HTTP://www.jbonline.terra.com.br](http://www.jbonline.terra.com.br). Acesso em 10 out 2012.

PEARSON, Drew e ANDERSON, Jack. *Estados Unidos – Potência de Segunda Classe?* Trad. Frederico Brando, SP: BestSeller, 1959.

PEARSON, Drew, *O Senador*, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1968.

SILVA, Eugênio. "O *Cruzeiro*". Revista de Comunicação. Rio de Janeiro, n.20, p.17-20, 1989.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor*, São Paulo: Cia das Letras, 2000.